

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 5 • 1995



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1995

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS
Volume 5 • 1995 **ISSN: 0872-6086**

COORDENADOR E
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
PREFÁCIO – Isaltino Morais
CAPA – João Luís Cardoso
FOTOGRAFIA – Autores assinalados
DESENHO – Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados
PRODUÇÃO – Luís Macedo e Sousa
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho
de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras
2780 OEIRAS

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E
REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Sogapal, Lda.
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 49-66

NOVAS ESCAVAÇÕES NA GRUTA DA PONTE DA LAGE (OEIRAS). REVISÃO DOS MATERIAIS PALEOLÍTICOS

João Luís Cardoso⁽¹⁾

1 – ANTECEDENTES

A gruta da Ponte da Lage (Fig. 1), a cerca de 2 km a Norte de Oeiras, é uma cavidade cársica existente em pequena cornija de calcários duros e sub-cristalinos, do Cenomaniano, profundamente fracturados (Fig. 2), a qual acompanha o curso da ribeira da Lage, ao longo da sua encosta esquerda. Situa-se logo a montante da ponte que atravessa a ribeira, junto da povoação da Lage; a sua abertura, orientada para poente, e a curta distância do leito da ribeira, possui a forma de um arco abatido, cuja regularidade sugeriu afeiçoamento no Neolítico ou Calcolítico (Fig. 1), épocas em que o local foi utilizado como necrópole.

As primeiras referências e publicação de materiais arqueológicos exumados na gruta da Ponte da Lage deve-se a Estácio da VEIGA (1889, p. 128, 129; 1891, p. 38, 149 e Est. XVII, n.ºs 12 a 14). O autor declara que as escavações foram efectuadas pela “Comissão Geológica”, não descendo, porém, a detalhes quanto ao ano ou autor das mesmas.

Nessas primeiras referências, além da menção a numerosos materiais de sílex, de

⁽¹⁾ *Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.*

cerâmica (lisa e ornamentada) e de pedra polida, o autor valoriza a presença de alguns artefactos de cobre, que representa, no âmbito da demonstração da existência de uma Idade do Cobre, assunto a que se dedicou e de grande relevância, na altura. Por outro lado, a ocorrência de alguns ossos humanos, levou-o a atribuir à cavidade carácter sepulcral.

Os materiais mantiveram-se durante largas décadas inéditos, na sala de Pré-História dos Serviços Geológicos de Portugal.

Em 1941/42, aquando a permanência de H. Breuil em Portugal, parte do espólio lítico (atribuído por ele ao Paleolítico) foi objecto de estudo detalhado (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1942, p. 211 e seg.).

Em 1957, o espólio arqueológico é revisto e publicado, primeiro de forma muito sumária (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1957a), depois procurando maior pormenorização (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1957b). Nesses trabalhos, os autores declaram não terem encontrado apontamentos das explorações; porém, a data que indicam para a realização das mesmas – 1895 – é inexacta, dado em 1889 Estácio da Veiga já ter visto os materiais então exumados. Com efeito, uma peça (Fig. 8) possui etiqueta de papel, com letra manuscrita da época, dizendo:

30 de Maio 79
Furna da ponte
da Lage * 11 m
prof. 0,50 Oeiras

que é concludente quanto à data de realização dos trabalhos. A causa próxima destes, terá sido a realização da 9.ª Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, realizado no ano seguinte em Lisboa. Carlos Ribeiro, Director da então Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal e um dos principais intervenientes no Congresso, de que foi Secretário-Geral, terá ordenado a exploração de diversas grutas, entre as quais a da Ponte da Lage, com o objectivo de obter elementos arqueológicos susceptíveis de serem apresentados aos congressistas. O seu falecimento, em 1882, impediu que aqueles fossem por ele devidamente estudados.

Os trabalhos de exploração da gruta só foram retomados em 1958 (VAULTIER *et al.*, 1959). O interior da cavidade, que se encontrava muito entulhado, foi então totalmente limpo, tendo-se verificado que o depósito arqueológico tinha já sido totalmente removido, à “excepção da pequena câmara final” (p. 111). Nessa campanha, ao longo da galeria principal, verificou-se a existência de uma delgada camada estalagmítica tendo-se encontrado abaixo desta camada uma outra concrecionada com muitos carvões e alguns sílex lascados paleolíticos de tipo “mustieróide” (*idem, ibidem*) a qual foi totalmente removida. Desta forma, os trabalhos incidiram junto da entrada,



Fig. 1 – A entrada da gruta na actualidade (Setembro de 1993). Foto de B. Ferreira.



Fig. 2 – Aspecto da Zona circundante da entrada da gruta, tapada pelas duas pessoas do centro. Fot. de meados da década de 1940, de G. Zbyszewski.

onde ainda subsistia testemunho intacto da camada superior, pós-paleolítica, tendo-se ali reconhecido uma pequena sepultura individual, com espólio neolítico, cujo estudo constitui o fulcro da referida publicação. Na verdade, os despojos humanos recolhidos no século XIX ultrapassavam largamente os correspondentes a esta sepultura. Foram recentemente estudados (CARDOSO *et al.*, 1991).

Em Setembro de 1993 retomámos os trabalhos de campo na estação. A campanha que então dirigimos, visava, sobretudo, averiguar a real importância da câmara final, já antes mencionada, designadamente quanto à possibilidade de ainda conter depósitos arqueológicos. Em complemento, pretendia-se verificar o efectivo esgotamento da galeria principal e no que ao depósito inferior, abaixo da aludida camada estalagmítica, dizia particular respeito. A divulgação destes trabalhos, bem como a revisão, sistemática e exaustiva, então empreendida, dos materiais exumados por Carlos Ribeiro e atribuídos por BREUIL & ZBYSZEWSKI (1942) ao Paleolítico, estiveram na origem deste estudo. Com efeito, tais materiais, no conjunto dos que constituem o espólio da jazida, eram os que mais careciam de estudo e revisão, pelo que foi por eles que iniciámos tal tarefa, a ser desenvolvida ulteriormente com o estudo dos elementos neolíticos e calcolíticos (coleções do Instituto Geológico e Mineiro).

Agradecemos ao Prof. M. M. Ramalho a autorização concedida para o respectivo estudo.

2 – TRABALHOS REALIZADOS, RESULTADOS OBTIDOS

Antes das escavações de 1993, a gruta encontrava-se pejada de detritos que para ali eram continuamente atirados. Os trabalhos iniciaram-se, pois, pela limpeza da cavidade, atingindo-se o solo da escavação de 1958 em toda a extensão da galeria principal (Fig. 3), cuja planta tinha sido anteriormente levantada (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1957, Fig. 1). Verificou-se que aquele nível correspondia, salvo excepções pontuais, ao substrato geológico, constituído por calcários duros do Cretácico (Cenomaniano). Deste modo, a escavação, nessa zona, limitou-se ao aprofundamento de pequenas cavidades existentes no substrato, ainda eventualmente colmatadas por depósitos arqueológicos. A parte mais importante dos trabalhos consistiu na exploração do sector terminal da galeria, comunicante com a câmara referida anteriormente. Porém, aí, os depósitos eram essencialmente constituídos por “terra rossa”, resultante da alteração dos calcários encaixantes, e muito pobres de restos arqueológicos. O aprofundamento e alargamento desse sector permitiu a observação directa do fundo da cavidade, a qual corresponde a pequeno nicho, desprovido de interesse arqueológico (Fig. 4). Os trabalhos realizados vieram demonstrar, assim, o esgotamento desta estação arqueológica.

No respeitante ao espólio recolhido, a sua escassez e mau recorte tipológico é

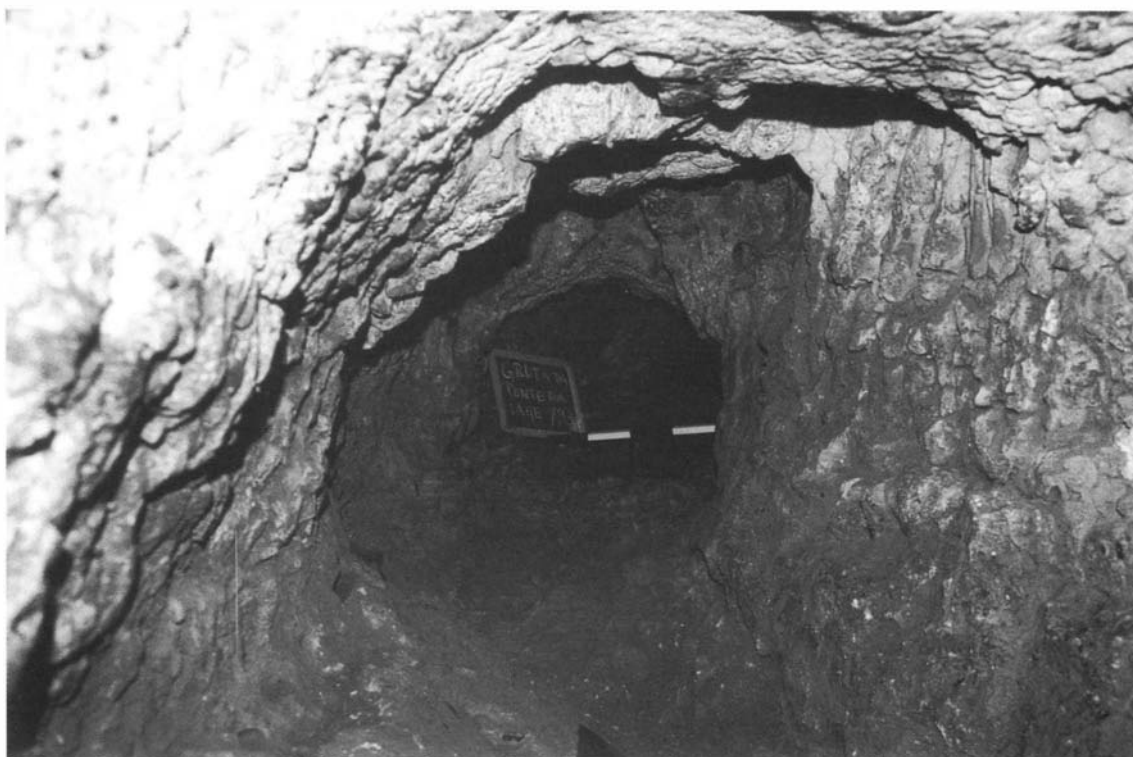


Fig. 3 – Gruta da Ponte da Lage. Vista dos trabalhos de escavação e limpeza, de 1993, na zona central da galeria principal. Foto de B. Ferreira.

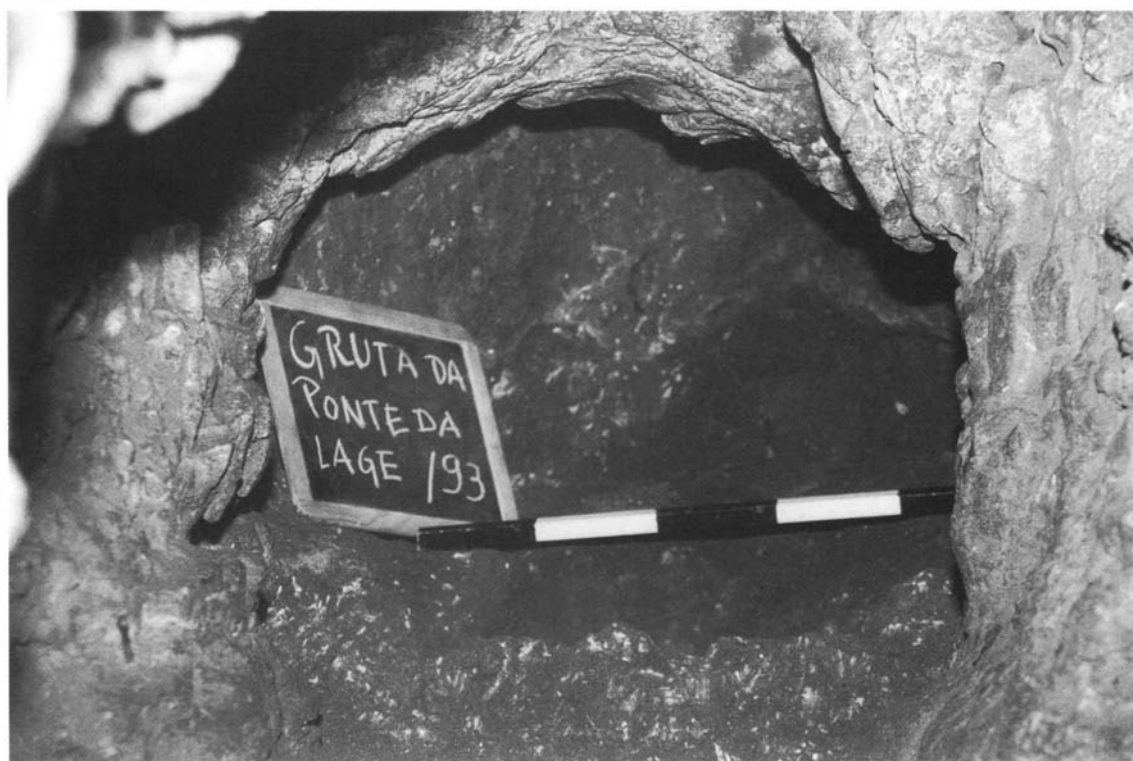


Fig. 4 – Gruta da Ponte da Lage. Vista da escavação da zona distal da galeria principal. Foto de B. Ferreira.

uma constante. Dos depósitos avermelhados, argilo-margosos, da galeria principal, provêm alguns produtos de debitação, atípicos, de sílex, de mistura com alguns fragmentos de cerâmicas pré-históricas, entre os quais um exemplar campaniforme inciso.

O intenso remeximento que caracteriza tais depósitos, é consubstanciado pela ocorrência de materiais modernos, de mistura com os referidos (moedas, louças, vidros, etc.). De destacar um rádio incompleto, de grandes dimensões de gato bravo (*Felis sylvestris* Schreber), sem dúvida de época plistocénica, talvez coevo da ocupação paleolítica da cavidade.

De facto, a intensa mineralização que evidencia, com manchas de óxidos de manganês, à superfície, é indício da idade que lhe foi atribuída; trata-se do primeiro testemunho da fauna plistocénica recolhido na gruta, apesar do meio ser propício à conservação de tais restos.

Em consequência do que foi dito, não nos foi possível confirmar a sequência estratigráfica observada em 1958 (VAULTIER *et al.*, 1959, p. 113; ROCHE, 1964, p. 19); de baixo para cima, tal sequência era constituída, seguindo os referidos autores, pelas seguintes camadas:

- 1 – substrato geológico, constituído por calcários do Cenomaniano;
- 2 – camada terrosa e ferruginosa, muito concrecionada, colmatando as irregularidades do substrato, formando em certos locais uma placa estalagmítica; contém algumas lascas atípicas (espessura máxima de 0,20 m);
- 3 – camada terrosa e avermelhada, com materiais neolíticos e estruturas sepulcrais da mesma época (espessura de 0,10 m);
- 4 – terras cinzentas ou negras, superficiais, com materiais campaniformes e mais modernos.

No conjunto descrito, as peças atribuídas por BREUIL & ZBYSZEWSKI (1942) ao Paleolítico provêm das camadas 2 e 3, atendendo à pátina e restos do depósito primitivo, pontualmente aderente à sua superfície.

3 – ESTUDO DOS MATERIAIS PALEOLÍTICOS

Os materiais estudados foram anteriormente inventariados por BREUIL & ZBYSZEWSKI (1942). Deste modo, dispensamo-nos de fornecer nova listagem deles, sem embargo da valorização das peças mais significativas.

H. Breuil subdividiu os materiais por ele atribuídos ao Paleolítico em diversas séries, “dont l'état physique, comme la morphologie, tranchent complètement avec l'ensemble énéolithique” (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1942, p. 212).

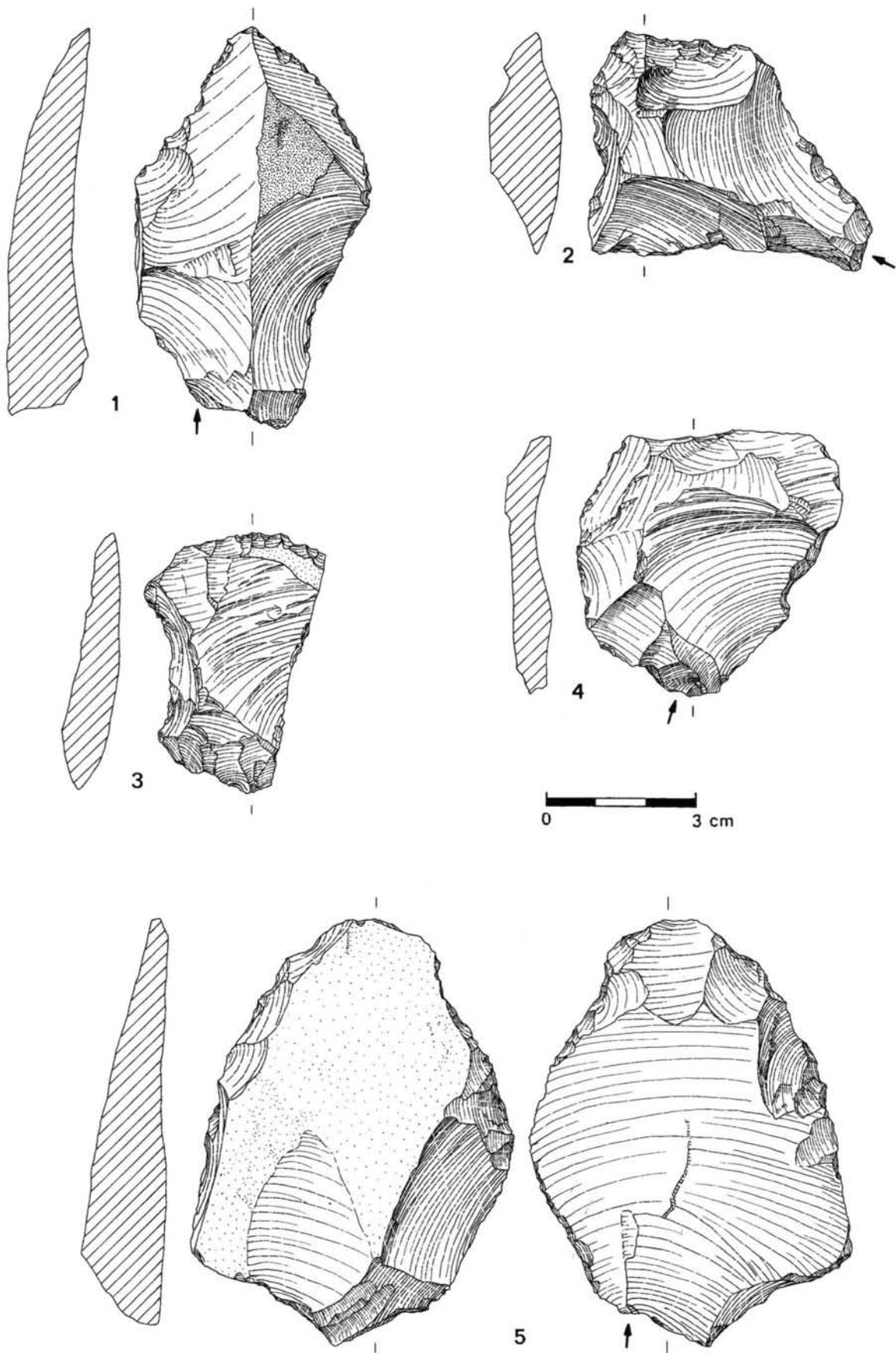


Fig. 5 – Gruta da Ponte da Lage. Indústrias de sílex (Mustierense).

A série mais antiga foi considerada mustierense. É constituída por 13 peças, das quais se representam cinco na Fig. 5. Trata-se, como se pode verificar, de uma indústria de grandes lascas de sílex, predominando os raspadores. Está presente o talhe “levallois”. No conjunto, os materiais não contrastam com o pouco que se conhece das indústrias do Paleolítico médio das grutas da região da Baixa Estremadura, designadamente com os materiais recolhidos na gruta do Correio-Mor – Loures (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1987). São também comparáveis às séries homólogas das estações de ar livre do Complexo Basáltico de Lisboa (CARDOSO *et al.*, 1992). A escassez de materiais, bem como o desconhecimento das condições que presidiram à sua colheita não aconselham outras considerações, de carácter estatístico, que seriam, nestas circunstâncias, falaciosas.

Os materiais do Paleolítico superior foram divididos por H. Breuil em três conjuntos, a saber:

- o primeiro, suposto do Solutrense;
- o segundo, atribuível ao Magdalenense;
- o último, considerado próximo do Mesolítico.

Vejamos a composição de cada um deles.

O grupo do Solutrense integraria um fragmento de folha de loureiro, figurada pelos autores (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1942, Est. I, n.º 8). Na verdade, trata-se de fragmento de peça foliácea, das vulgarmente designadas por “elementos de foice” ou “foicinhas” (Fig. 6, n.º 4), de retoque bifacial cobridor, idêntica a tantas outras recolhidas no povoado pré-histórico de Leceia (CARDOSO, 1989, Fig. 101; CARDOSO, 1994, Figs. 100 e 102) e, como estas, de idade Calcolítica ou, quando muito, do fim do Neolítico.

O segundo artefacto figurado por BREUIL & ZBYSZEWSKI (1942, Est. I n.º 17) foi atribuído à série solutrense talvez pelas características da pátina que exhibe; contudo, tendo a anterior, exactamente o mesmo aspecto superficial idade neolítica ou calcolítica, não há razão para não considerarmos também a mesma cronologia para esta. Trata-se de um furador sobre lâmina ligeiramente inclinado, idêntico aos recolhidos em contextos calcolíticos da região, como no povoado de Leceia (Fig. 6, n.º 1).

O grupo do Magdalenense integraria doze lâminas “d’aspect plus ou moins magdalénien” (*op. cit.*, p. 215). Entre elas, as da Fig. 7, n.ºs 10, 18 e 19. Trata-se de três peças pouco características e de pátinas diversas; podem ser mais recentes, especialmente a figurada com o n.º 10, de pátina muito ténue, com retoques marginais descontínuos em ambos os bordos laterais. Outras lascas ou lâminas, desprovidas de retoques, ou com retoques muito marginais, representam-se na Fig. 7, n.ºs 3, 5, 6, 8, 13, 14 e 16; são, igualmente, atípicas.

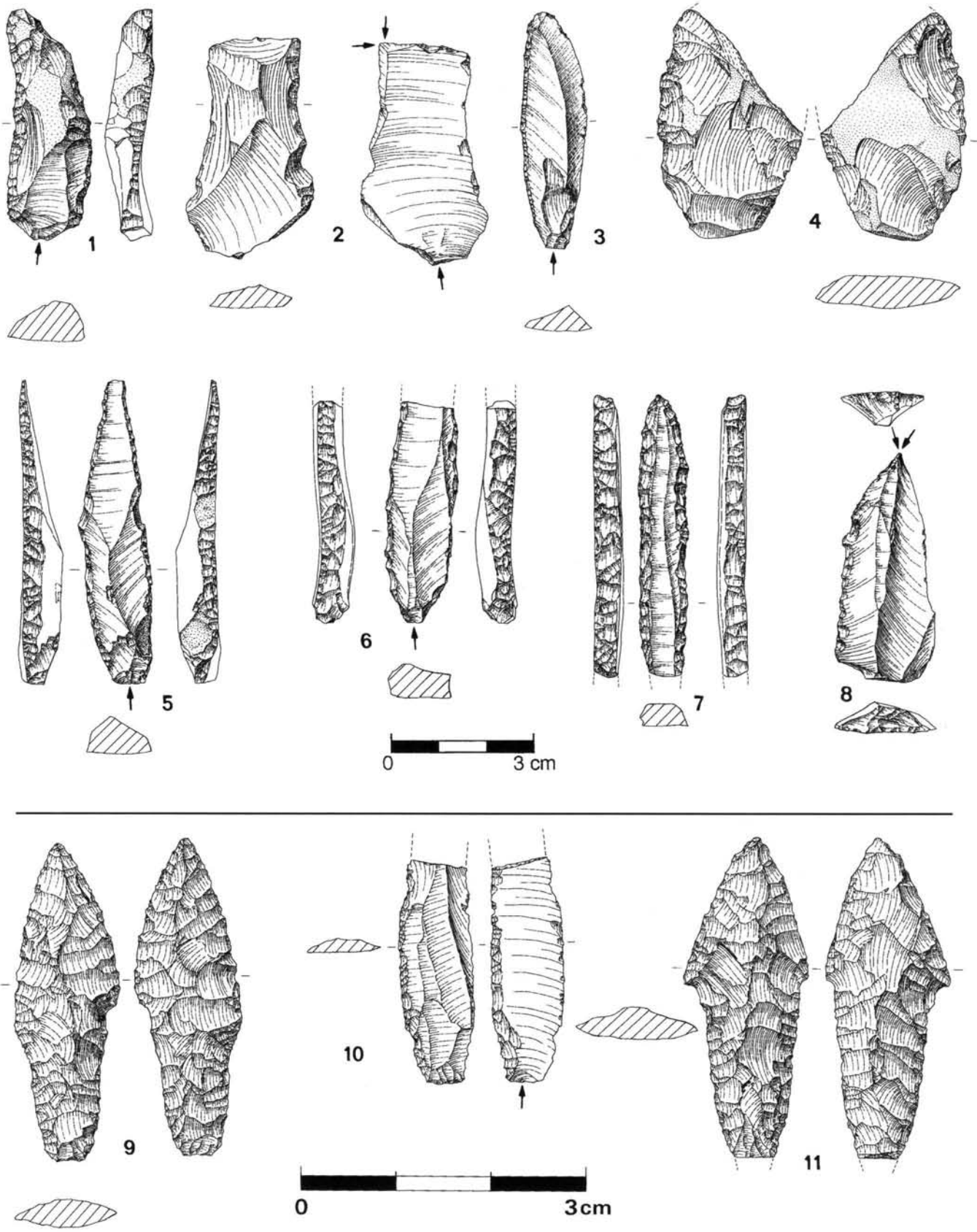


Fig. 6 – Gruta da Ponte da Lage. Indústrias de sílex (Paleolítico superior, salvo n.ºs 1, 4 e 7). o n.º 5 é da gruta do Furadouro (serra de Montejunto), o n.º 7 é de Vale de Lobos (Belas) e o n.º 9 da gruta das Salemas (Loures).

De entre as lâminas retocadas, os autores referem uma raspadeira em “bout de lame” reproduzida neste trabalho na Fig. 7, n.º 4. Trata-se de artefacto cuja parte útil foi afeiçãoada na extremidade proximal da lasca, o que provocou a ablação do talão e do bolbo de percussão. Tal como outros, é exemplar perfeitamente compatível com época pós-paleolítica, à qual se deverá reportar; o mesmo se poderá dizer de um microdenticulado sobre lâmina (Fig. 7, n.º 11).

Dentro desta série supostamente magdalenense, os autores integram, ainda, uma ponta incompleta de La Gravette, típica, neste trabalho representada na Fig. 6, n.º 6. É perfeitamente comparável a exemplar inédito, encontrado, aparentemente, isolado na gruta do Furadouro (serra de Montejunto) e pertencente às colecções do actual Instituto Geológico e Mineiro (Fig. 6, n.º 5). Na Fig. 6, n.º 7, representa-se uma lâmina também inédita de bordos abatidos, obtidos por retoque abrupto, terminando em ponta de furador distal, espesso, que não deve confundir-se com os exemplares anteriores. A sua época é calcolítica (colecções do Instituto Geológico e Mineiro, proveniente de Vale de Lobos – Sintra).

Uma lâmina finamente trabalhada, sobretudo ao longo do bordo esquerdo, por retoque contínuo, deverá ser integrada no Paleolítico superior (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1942, Est. I, n.º 15); neste trabalho reproduz-se na Fig. 6, n.º 3. O mesmo deverá suceder com dois buris diedros, sendo o da Fig. 6 n.º 3 um buril de ângulo; ambos são sobre lasca. O segundo é um buril de eixo “parfaitement typique” (*op. cit.*, p. 217), no dizer dos autores (Fig. 6, n.º 8), tendo a extremidade proximal sido afeiçãoada em raspadeira, com pequena proeminência central. A ponta burilante mostra indícios de utilização, representados por microlevantamentos de lascas, no decurso do trabalho (Fig. 9).

O terceiro grupo de peças é considerado, pelos autores, próximo do Mesolítico. É constituído apenas por oito peças, predominando a debitagem laminar. Trata-se de um conjunto homogéneo, constituído por um sílex cinzento-claro, de pátina lustrosa. Das oito peças referidas, neste trabalho figuram-se sete (Fig. 6, n.º 10; Fig. 7, n.ºs 1, 2, 7, 12, 15 e 17). Algumas não exibem trabalho. Das que o atestam, uma lâmina (Fig. 7, n.º 17) mostra retoques marginais, curtos e descontínuos, correspondendo a microdenticulado. Uma outra, possui indícios de utilização, ao longo de ambos os bordos laterais, bem como intenso desgaste, por fricção, no reverso da ponta (Fig. 7, n.º 15). As microfotografias, obtidas ao microscópio electrónico de varrimento, evidenciam, com efeito, um trabalho perfurante por pressão, do qual resultou microlevantamentos em ambas as faces do artefacto, a partir da sua extremidade distal (Fig. 10, n.ºs 1 a 4). Trata-se, pois, de uma lâmina utilizada como furador. Outra lâmina possui boleamento pelo uso ao longo de ambos os bordos laterais (Fig. 7, n.º 7).

A peça que ostenta trabalho mais apurado é uma lamela Dufour, representada na

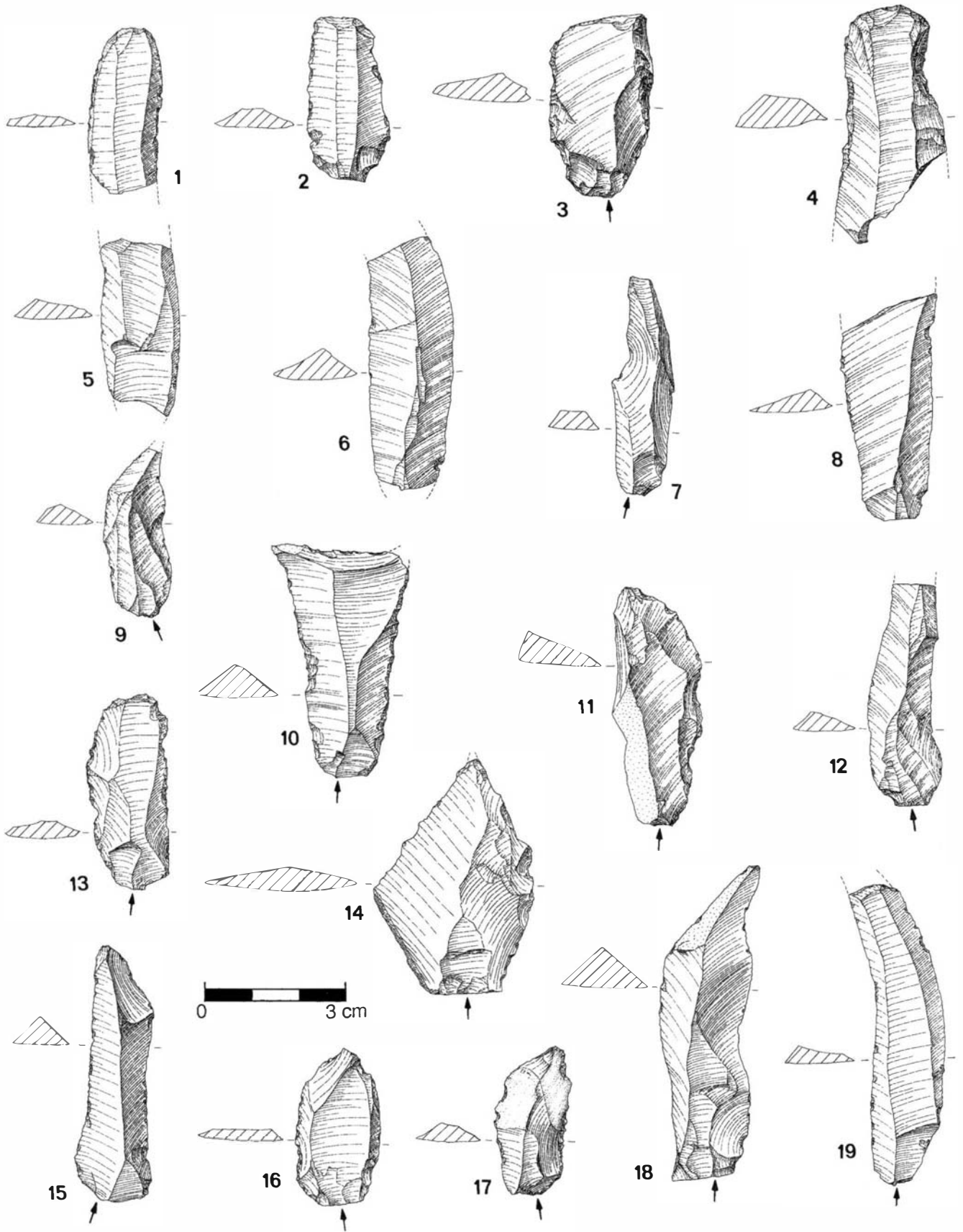


Fig. 7 – Gruta da Ponte da Lage. Indústrias de sílex (atribuíveis globalmente ao Paleolítico superior).

Fig. 6, n.º 10. Possui retoque contínuo semi-abrupto em ambos os bordos laterais, num deles por levantamentos inversos.

Enfim, há peças que, pela tipologia, poderão ser consideradas neolíticas ou calcolíticas, como a lâmina com microdenticulado num dos bordos laterais e entalhe inverso no oposto, cuja extremidade distal se encontra ocupada por truncatura oblíqua retocada (Fig. 7, n.º 2).

4 – DISCUSSÃO, CONCLUSÕES

No conjunto dos materiais descritos por BREUIL & ZBYSZEWSKI (1942), há alguns cuja integração em época paleolítica é indubitável. Foram estes materiais que conduziram ZILHÃO (1987, p. 39) à conclusão de que «a única coisa que se pode dizer a respeito destes materiais é que eles documentam a existência de uma ocupação solutrense e que, à falta de qualquer indicação positiva da existência de outras ocupações do Paleolítico superior, a única atitude correcta, até prova em contrário, é a de atribuir a essa ocupação a globalidade dos materiais das três “séries”» (de Breuil & Zbyszewski).

Considerando a tipologia das peças mais características, verifica-se que, tanto as pontas de La Gravette como as lamelas Dufour, além do Solutrense, ocorrem em outros conjuntos industriais do Paleolítico superior; em conformidade, a conclusão de J. Zilhão só poderia basear-se em dois artefactos, incluídos por Breuil e Zbyszewski na sua “série solutrense” – “um fragmento de folha de loureiro e uma outra peça que, segundo a ilustração (Planche II*, n.º 17), nos parece uma ponta de face plana e não um “perfurador inclinado à esquerda” como propõem os autores” (ZILHÃO, 1987, p. 39). Porém, o pretenso fragmento de folha de loureiro corresponde, na verdade, como atrás se disse, a porção de uma lâmina ovóide de retoque cobridor, do Neolítico final ou do Calcolítico; quanto à hipotética ponta de face plana, trata-se, na verdade, de um furador, como correctamente foi classificado por Breuil e Zbyszewski. Uma simples visita às colecções, expostas no Museu do Instituto Geológico e Mineiro e acessíveis a qualquer visitante, teria bastado ao autor para evitar os inconvenientes decorrentes de classificações apressadas... e erradas... O autor menciona, ainda, uma “pequena gravette” (p. 39), que não será mais do que a redução de exemplar de que, na mesma estampa, se reproduz a face oposta (o anverso), à escala de 1/1 (ver BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1942, Pl. I, n.º 16 e 16a e Fig. 6, n.º 6 deste trabalho). Por outras palavras: a atribuição ao Solutrense, da totalidade das

* Trata-se de gralha; o capítulo concernente a gruta de Ponte da Lage, do trabalho citado, tem apenas uma estampa. Em conformidade deve ler-se I e não II.

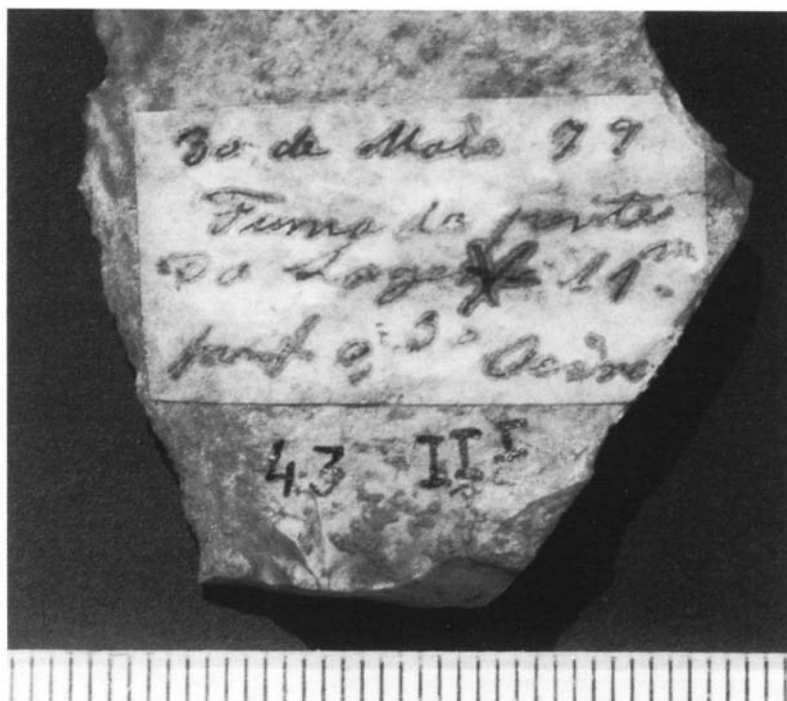


Fig. 8 – Pormenor do reverso da peça Fig. 7, n.º 14, ostentando etiqueta manuscrita que indica a data da primeira exploração da gruta. Foto de J. L. Cardoso. Escala em mm.

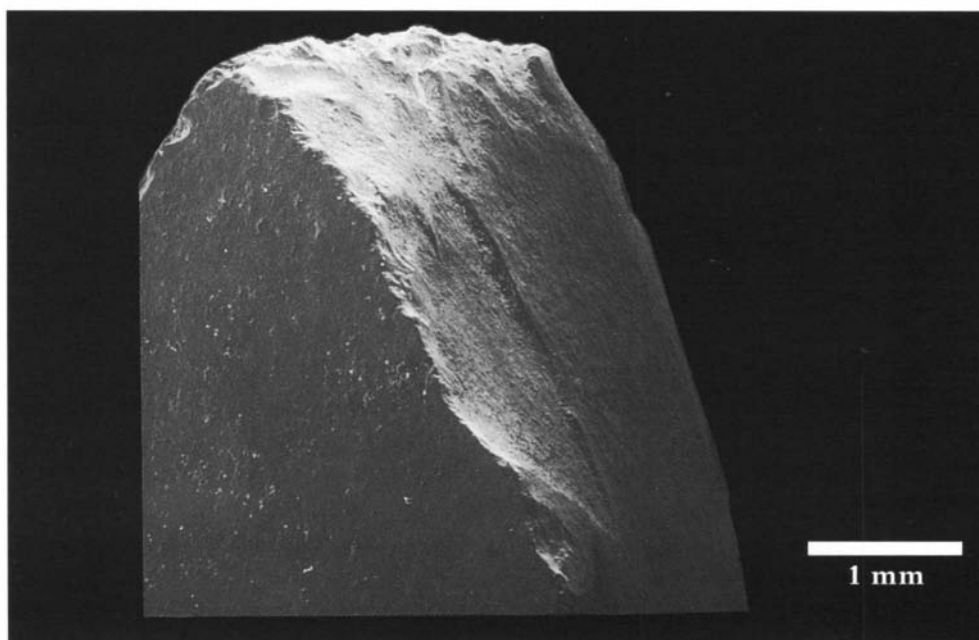


Fig. 9 – Pormenor da frente activa do buril diedro da Fig. 6, n.º 8, visto do lado esquerdo. Foto de J. Pais ao microscópio electrónico de varrimento existente no Departamento de Ciências da Terra da FCT/UNL.

peças paleolíticas da Ponte da Laje baseou-se em dois artefactos muito mais modernos. Queremos com isto dizer que não partilhamos da atribuição ao Solutrense de, pelo menos, uma parte do conjunto paleolítico da estação em apreço? Pelo contrário.

Procurando na publicação dedicada à revisão dos materiais pós-paleolíticos exumados, deparámos com artefacto de tipologia solutrense, uma bela ponta de cuidado trabalho bifacial, pedunculada, de sílex acinzentado, não considerada por Breuil no seu estudo com Zbyszewski, mas posteriormente reproduzida (VIANA *et al.*, 1957, Est. III, n.º 13). Estes autores classificam-na como instrumento neolítico ou calcolítico, designando-o, simplesmente como “ponta de seta pedunculada, com aletas rudimentares”. Na verdade, tal classificação desculpa-se pelo facto de só posteriormente se terem recolhido em Portugal artefactos idênticos, aquando da escavação da gruta das Salemas – Loures, como a ponta recolhida “in situ” na camada solutrense (ROCHE *et al.*, 1962, Fig. 4, n.º 1). A tipologia de tais pontas é inconfundível com a de qualquer ponta de seta neolítica tornando mais gravosa a omissão de J. Zilhão, até por constituir, por ironia, a única peça susceptível de apoiar a cronologia Solutrense por ele pretendida (mas com falsos argumentos) para todo o conjunto... Na Fig. 6, n.ºs 9 e 10 representam-se ambos os exemplares. A idade paleolítica deste artefacto teria sido reconhecida, aliás, por O. da Veiga Ferreira, que o reuniu ao conjunto dos artefactos daquela época, nas colecções do Museu do Instituto Geológico e Mineiro. Trata-se, sem embargo, de um tipo bastante raro nos inventários solutrenses, caracterizado por duas “crans”, opostas e incipientes, ocupando cerca de metade do comprimento das peças definindo, deste modo, um pedúnculo espesso e robusto e duas aletas laterais muito discretas. Os artefactos pedunculados que mais se aproximam, na bibliografia francesa compulsada, apesar do seu maior tamanho, provêm de Laugerie-Haute – Dordogne (KELLY, 1955, Fig. 8, em especial o n.º 5), sem contudo, se poderem reportar ao mesmo tipo, dadas as maiores dimensões destes últimos.

Por outro lado, a peça pedunculada da gruta de Ponte da Lage aproxima-se das menores folhas de loureiro do Solutrense de Badegoule (32 mm; 36 mm), igualmente pedunculadas, conquanto diferentes: o pedúnculo, sempre mais curto e menos volumoso, é obtido pelo estreitamento da metade inferior da peça, mediante intersecção dos bordos côncavos, sem chegarem a constituírem verdadeiras “cran” (CHEYNIER, 1949, Fig. 71, n.ºs 2, 4).

Sem embargo, a estreita afinidade da ponta da gruta da Ponte da Lage com 3 exemplares de Salemas atesta o elevado grau de standardização que tais artefactos atingiram no Solutrense superior da Estremadura, onde são conhecidos, pelo menos, seis tipos diferentes de pontas de arremesso, correspondendo a agora em estudo a uma verdadeira ponta de flecha pedunculada (ZILHÃO, 1994, p. 127), com estreitas afinidades com exemplares do Solutrense superior de fácies levantina, como é evidenciado pelo exemplar de Parpalló, figurado por FULLOLA (1994, Fig. 4, n.º 4).

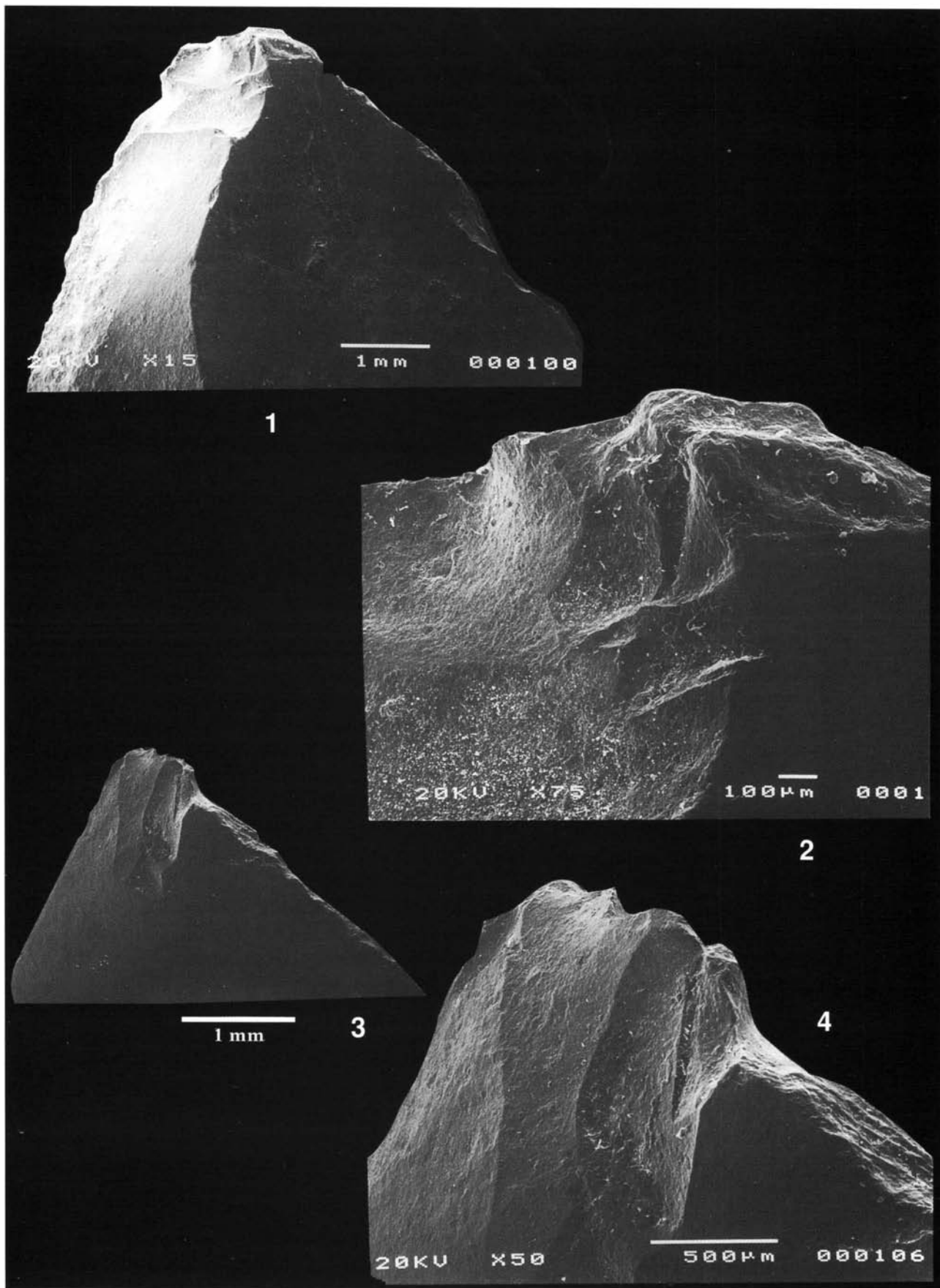


Fig. 10 – 1 e 2 - Pormenor do anverso da extremidade distal da lâmina da Fig. 7, n.º 15, evidenciando pequeníssimos levantamentos de lascas devidos à utilização; 3 e 4 - pormenor do reverso da extremidade distal do mesmo artefacto, evidenciando microlevantamentos de pressão devidos à utilização como furador ou ponta penetrante. Fotos de J. Pais ao microscópio electrónico de varrimento existente no Departamento de Ciências da Terra da FCT/UNL.

*

*

*

Em conclusão, no conjunto estudado por Breuil da gruta de Ponte da Lage, há peças que, indubitavelmente, pertencem ao Paleolítico superior; além de um conjunto de produtos de debitage laminares, são, sobretudo, de destacar, uma porção anterior da ponta de La Gravette, dois buris diedros e um fragmento de lamela Dufour os quais não são, no entanto, suficientes para uma atribuição mais rigorosa adentro o Paleolítico superior. Foi a incorrecta atribuição de um fragmento de lâmina oval de retoque bifacial cobridor (Fig. 6, n.º 4), a um fragmento de folha de loureiro, por Breuil e Zbyszewski em 1942, bem como uma lasca esquirolosa “semblable à celles enlevées dans la fabrication des feuilles de laurier par percussion appuyée” (*idem*, p. 215), além de um furador distal inclinado sobre lâmina (Fig. 6, n.º 1), que estiveram na origem das sucessivas afirmações sobre a existência de um conjunto de idade solutrense na gruta; FERREIRA (1962) declara, com efeito, que das quatro peças que integram o conjunto solutrense daqueles dois autores, “duas são seguramente de trabalho solutrense” (p. 230): trata-se do pretense fragmento de folha de loureiro e do furador, já mencionados. Também ROCHE (1964, p. 19), considera provada a existência de tal conjunto, constituído por “3 pièces typiquement solutréennes, dont un fragment de feuille de laurier à retouches bifaciales”, concluindo: “on peut affirmer raisonnablement qu’il y a eu à Ponte da Lage un ou plusieurs niveaux du Paléolithique supérieur, dont un, au moins, est solutréen” (p. 20), conclusão com que estamos plenamente de acordo, mas não pelas razões apontadas. O mesmo comentário é extensível ao estudo de ZILHÃO (1987).

A ponta de flecha pedunculada da gruta de Ponte da Lage, reveste-se, em consequência, de importância determinante na atribuição ao Solutrense de, ao menos, um momento da presença do homem do Paleolítico superior na cavidade, integrável no seu fácies mediterrânico ou levantino, ao qual correspondem outras ocorrências em grutas da Baixa Estremadura (Furninha, Casa da Moura e Salemas). Com efeito, a associação estratigráfica deste raro tipo de ponta solutrense a pontas de Parpalló típicas encontra-se documentada na gruta das Salemas – Loures (ROCHE *et al.*, 1962, Fig. 4), além da sua ocorrência na jazida epónima (FULLOLA, 1994, Fig. 4, n.º 4), reforçando assim as suas relações com aquele fácies, na proporção inversa do número de referências a artefactos mais ou menos comparáveis, de época Solutrense, de outras áreas geográficas, peninsulares ou de além-Pirinéus (CHEYNIER, 1949; KELLEY, 1955).

BIBLIOGRAFIA

- BREUIL & ZBYSZEWSKI, G. (1942) – *Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la Géologie du Quaternaire. 1 – Les principaux gisements des deux rives de l'ancien estuaire du Tage*, p. 211-218. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 26, 369 p.
- CARDOSO, J.L. (1989) – *Leceia. Resultados das escavações realizadas – 1983-1988*. Câmara Municipal de Oeiras, 146 p.
- CARDOSO, J.L. (1994) – *Leceia, 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Estudos Arqueológicos de Oeiras (número especial), 164 p.
- CARDOSO, J.L. & CARDOSO, G. (1993) – *Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras*. Estudos Arqueológicos de Oeiras, 4, 126 p.
- CARDOSO, J.L.; CUNHA, A. Santinho & AGUIAR, D. de (1991) – *O Homem pré-histórico no concelho de Oeiras. Estudos de Antropologia Física*. Estudos Arqueológicos de Oeiras, 2, 85 p.
- CHEYNIER, A. (1949) – *Badegoule. Station solutréenne et proto-magdalénienne*. Archives de l'Institut de Paléontologie Humaine, 23, 230 p.
- FERREIRA, O. da Veiga (1962) – O Solutrense em Portugal. *26.º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências – 7.ª Secção* (Porto, 1962), p. 229-234.
- FULLOLA y PERICOT, J. M.^a (1994) – El Solutrense en la región mediterránea y Andalucía. *Férvedes*, 1, p. 105-118. Museo de Prehistoria e Arqueología de Villalba (Lugo).
- KELLEY, H. (1955) – Pointes à pédoncules du Solutréen français. *Bull. Soc. Préhistorique Française*, 52 (1/2), p. 45-56.
- ROCHE, J. (1964) – Le Paléolithique supérieur portugais. Bilan de nos connaissances et problèmes. *Bull. Soc. Préhistorique Française*, 61(1), p. 11-27.
- ROCHE, J.; FRANÇA, J. Camarate; FERREIRA, O. da Veiga & ZBYSZEWSKI, G. (1962) – Le Paléolithique supérieur de la grotte de Salemas (Ponte de Lousa). *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 46, p. 187-207.
- VAULTIER, M.; ROCHE, J. & FERREIRA, O. da Veiga (1959) – Novas escavações na Gruta de Ponte da Lage (Oeiras). *Actas do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), 1, p. 111-115.
- VEIGA, S.P.M. Estácio da (1889, 1891) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, 3, p. 128-129 e 4, p. 38, 149 e Est. III. Imprensa Nacional. Lisboa.

- ZBYSZEWSKI, G.; VIANA, A. & FERREIRA, O. da Veiga (1957a) – Nota sobre a Gruta de Ponte da Lage (Oeiras) e a “tholos” do Monge (Sintra). *23.º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências – 7.ª Secção* (Coimbra, 1956), p. 189-191.
- ZBYSZEWSKI, G.; VIANA, A. & FERREIRA, O. da Veiga (1957b) – A gruta pré-histórica de Ponte da Lage (Oeiras). *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 38(2), p. 389-400.
- ZILHÃO, J. (1987) – *O Solutrense da Estremadura portuguesa. Uma proposta de interpretação paleoantropológica*. *Trabalhos de Arqueologia – DA/IPPC*, 4, 94 p.
- ZILHÃO, J. (1994) – La séquence chrono-stratigraphique du solutréen portugais. *Férvédes*, 1, p. 119-129. Museo de Prehistoria e Arqueoloxía de Villalba (Lugo).